MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves - nº 48 - 2º andar

2003 **Nº 233**

O CAMINHO DO MAR E SUAS HISTÓRIAS

Ouro, tropas e tropeiros, tesouros e revoluções fizeram a história e o folclore do caminho do mar e dos descaminhos de serra acima e serra abaixo, entre Guaratinguetá, Cunha e Paraty. Visões e fantasmas ou malassombras - como preferem em Paraty - são seus principais personagens. O temor pelo caminho, considerado perigoso até a atualidade, começava a dois quilômetros da Pedreira, em Guaratinguetá. Próximo à ponte sobre o rio Baia, fica o **Morro Frio**. A passagem por ele - hoje desativada - era estreita, com barrancos muito altos. Frio e escuro, este trecho foi cenário de uma famosa tocaia e morte, cujos vultos repetem esta cena, em certas noites de lua, ano após ano. Cumprem sina, dizem os entendidos nesses mistérios...

Entre as numerosas narrativas que transitam por estes caminhos e descaminhos, podemos destacar algumas, recolhidas entre os moradores da região.

A Tropa

Cortando a Serra do Quebra-Cangalha, passando pelo bairro da Aparição e além do Registro, pode ser ouvido o tropel das tropas de burros, com suas canastras abarrotadas de ouro. Desaparecem bem próximas do viajante, deixando no ar apenas o som pesado dos cascos nas pedras, o tilintar dos cincerros e a batida dos canecos do peitoral da besta madrinha. Continuam lá adiante, descendo a serra, mas ninguém consegue vê-las...

Hoje, narram os atuais moradores, há também um lento ruído de carro subindo a serra. Entretanto, nunca chega perto... e como a tropa fantasma, o ruído continua após a pessoa, com impressionante nitidez, serra abaixo, sempre acompanhado de vozes.



O Caminhão azul

A Revolução Constitucionalista de 1932 continua viva na serra entre Cunha e Paraty. Costuma transitar por ali, um caminhãozinho de cor azul, modelo 1930, que sempre estaciona ao lado de uma velha casa, no bairro do Divino Mestre, em Cunha. Em sua carroceria de madeira, leva vários caronas, em pé, vestindo estranhas roupas.

E que ninguém queira conhecer suas fisionomias! São caveiras que não procuram se esconder, anônimos personagens da Revolução...

No mesmo caminho, nas proximidades da cruz de Paulo Virgínio, ali executado em 1932 pelos federais, soldados foram mortos e cremados em uma grande pilha. Deles restaram apenas os botões de suas fardas, escondidos até hoje em uma bruaca (bolsa de couro) e passando pelas gerações de uma mesma família, temerosas em lhes dar um fim, entre os pinheiros ali existentes, nas proximidades do local onde houve o tiroteio assassino...

A Toca do Ouro

Um senhor de Guaratinguetá, famoso por solucionar mistérios do sobrenatural foi, no final do século vinte, chamado a Paraty, para tentar a solução de um caso de malassombra. O local: a Toca do Ouro, que aparece até em mapas oficiais.

As almas atenderam ao chamado do médium, e se pode "apurar que eram três os assaltantes de outrora que ali lutavam entre si pela riqueza guardada na Toca do Ouro. Dois desejavam entregar o ouro para se libertar deste mundo. O terceiro, que era o chefe, entretanto, não concordava. Pensava ainda estar vivo, podendo gozar da riqueza".

Localizado o esconderijo, se buscou um grupo de homens que, com enxadas e picaretas se puseram a cavar o local, até que caiu a noite. As ferramentas foram colocadas em um saco de aniagem, que foi amarrado em uma árvore. O buraco semi aberto lá ficou, junto a uma pedra grande - marco do local.

Os homens voltaram ao acampamento, que ficava perto, mas sua noite foi várias vezes interrompida por fortes ruídos e por sonhos estranhos. Ao voltar ao lugar do trabalho, recuaram, porém, apavorados. O buraco tinha desaparecido sob uma pedra grande que rolara sobre ele. Apenas algumas ferramentas foram encontradas, mas distantes do lugar. Mais estranho ainda foi o saco de aniagem estar amarrado como uma bandeira, bem no alto de uma árvore, em lugar inacessível ao ser humano... Os homens então debandaram.

O tesouro continua intocado em seu lugar, nas proximidades das ruínas de antiga construção que, dizem, era ligada aos descaminhos do ouro...

Esta narrativa foi feita por quem acompanhou o médium de Guaratinguetá até a Toca do Ouro.

O Boca Rica

Foi um famoso assaltante do caminho do mar, que agia à chegada de Paraty, entre a Pedra Branca e a estrada atual. Seu nome advém de seus dentes de ouro. Dizem até que era um dente para cada grande assalto.

Ficava o Boca Rica escondido à beira da estrada, acima da curva, esperando a tropa carregada de mercadorias. Na passagem desta, assustava o burro culatreiro - o último da tropa - que despencava no precipício, levando consigo os animais nele atrelados. Quando os tropeiros apavorados fugiam, ele descia a recolher o fruto de seu assalto.

Afirma-se até que, no mesmo local, ainda pode ser visto o próprio Boca Rica. E que, para provar os assaltos, lá no fundo do precipício estão as ossadas dos numerosos animais

e tropeiros mortos. É justamente ali que nasce aquele Boitatá, tão conhecido por muitos...

O Tesouro dos escravos

Entre Guaratinguetá e Aparecida há um lugar chamado Morro Vermelho, onde ainda se ergue antiga sede de fazenda. Aí foi assaltada uma tropa, que trazia ouro e era escoltada por um alferes e seus soldados, que foram mortos pelos escravos que acompanhavam a comitiva. Foram enterrados ali mesmo, junto de uma figueira, com o ouro que os escravos viriam buscar depois. Fugiram os negros, escondendo-se em um quilombo no Alto das Almas, em Guaratinguetá.

O lugar do assalto, desde então, ficou mal-assombrado, porque a escolta continuava vigiando o ouro, que os escravos nunca voltaram para apanhar.

No começo do século vinte, um velho morador do Alto das Almas chamou o então proprietário do Morro Vermelho e lhe disse que seu avô, escravo, tinha sido um dos assaltantes. Pediu-lhe que retirasse o ouro escondido, porque ia morrer e queria que a sua alma e dos seus tivessem sossego. Nunca se soube do lugar certo do tesouro, ou se ele já havia sido antes encontrado, porque, no passado, um certo engenheiro ali apareceu e contratou um serviço de canalização de água, desaparecendo depois, sem qualquer aviso, deixando uma vala aberta, até perto da figueira, que ali existiu até o final do século vinte.

As Orações

Ao partir para a jornada diária, os tropeiros que transitavam pelo caminho do mar, nunca deixaram de pedir proteção a São Bento, com orações como estas:

São Bento, água benta!
Jesus Cristo no altar!
As cobras deste caminho
Afastem que eu vou passar!

São Bento, São Bento
Santíssimo Sacramento
Livrai-nos dos males
E de bicho peçonhento!

Caso a cobra seja vista, há ainda a ordem para imobilizá-la, dizendo-se alto: "Esteja presa por ordem de São Bento". Como também o gesto de dar nó em um pano ou mesmo em uma palha, ato que tem o poder de imobilizar o animal. São estas tradições muito antigas, vindas com os portugueses, pois São Bento viveu entre os anos 480 e 543, sendo o patriarca fundador da Ordem dos Beneditinos. Quanto ao poder mágico do nó como imobilizador, este já aparece na feitiçaria branca e negra da velha Europa, havendo atualmente até uma oração a Nossa Senhora "desatadora dos nós".

Os tropeiros, quando benzedores, conheciam também "orações fortes", utilizadas para afastar outros perigos da floresta, além dos naturais. Entre estes está a beleza e o pio de certos pássaros. São numerosas as notícias sobre caçadores e tropeiros que sumiram nas matas de Paraty. Atraídos pela cor da plumagem ou pelo pio enganador, vão seguindo, seguindo, as tais aves... e se perdem. Nunca mais serão encontrados entre os muitos mistérios e encantos daquela mata atlântica. Segundo os mateiros, "há de se pedir licença ao Rei da Mata, antes de atravessá-la e não prender ou matar seus animais ou aves".

Além dos pássaros há a "miragem" de tesouros. A pessoa vê a caixa ou panela, mas não consegue retirá-la só com as mãos. Marca o lugar e vai buscar ajuda e trazer os instrumentos necessários. Ao retornar, terá a desilusão de não mais achar o local. Na ganância de reencontrar o tesouro, também acabará se perdendo...

Há ainda a informação da cavalhada fantasma que avança em direção das barracas dos turistas que acampam na serra. Como os animais, seguem eles pelos mesmos penosos caminhos e descaminhos do [illegible] onde tantas tropas foram sacrificadas em assaltos ou passagens fatais...

O Pacto

Lavava uma mulher a roupa da família no rio Jacuí, ao lado do Caminho do Mar, em Cunha, quando notou um brilho dentro d'água. Como o lugar era de difícil acesso, chamou o marido para ver o que era aquilo. O homem veio, lidou, lidou e nada. À tarde, ao escurecer, conseguiu retirar o tal "brilho". Voltou para casa, mostrando o que achara: um caldeirão cheio de ouro! Mas não contou como conseguira sozinho tal façanha.

A explicação logo correu entre a vizinhança: "o homem enriqueceu porque fizera um pacto com o "Coisa" para retirar o ouro das profundezas da água".

A família se mudou de Cunha, casas e fazendas foram compradas nos municípios vizinhos.

O tempo foi passando e parece que o fazendeiro não cumpriu sua parte no tal contrato. Coisas trágicas começaram a acontecer na família: duas filhas estranhamente enlouqueceram, o caçula foi assassinado, os outros filhos brigaram entre si, maus negócios levaram todo o dinheiro da família.

O fazendeiro a tudo assistiu calado. Morreu bem velho, na pobreza e sem amigos, pois todos temiam até falar com quem fora capaz de fazer um pacto com tal criatura, em pleno século vinte...

As Patacas

Perto do local onde houve um Registro de tropas do ouro e do café, no Caminho do Mar, em Cunha, existiu um casarão, conhecido por fazenda da Conceição. A antiga Capela, erguida ao seu lado, ainda guarda sua história e seus segredos.

A casa foi construída em 1730, época do trânsito do ouro e tinha essa data gravada em sua porta.

Conta a tradição que naquele local foram escondidas várias panelas cheias de patacas valiosas, produto dos descaminhos do ouro. Realmente, muitas dessas moedas, vindas do século dezoito, foram ali encontradas. Animados com esses achados, os proprietários da fazenda, na década de 1980, resolveram demolir a casa, na esperança de achar o tesouro que estaria guardado sob a histórica construção. Não o encontrou, perdendo a casa e as patacas, cujo local secreto continua na posse de um preto velho, "cujo vulto ronda pela fazenda em noites de lua". Confirma-se assim, a sabedoria popular de que "os tesouros não são para quem os busca, mas para quem são destinados..."

A Herança

Sem visões nem fantasmas, o roubo do ouro do Tenente Francisco José Nogueira, no Caminho do Mar, deixou, como herança uma memória tão forte, que ainda vive entre seus descendentes, quase dois séculos depois.

Em 1809, o Tenente Chiquinho, era próspero fazendeiro e proprietário de grandes extensões de terras entre Cunha e Guaratinguetá. Casou-se nesse mesmo ano com Madalena Thereza de Jesus, de Guaratinguetá. Desejando o casal aí morar, resolveu transportar para esta Vila, todos seus bens em ouro.

A tropa, com o rico carregamento, partiu de Cunha, secretamente, como se transportasse mercadorias comuns. Nunca chegou ao seu destino...

Informam os historiadores que "é notório o caso ocorrido com as canastras de moedas e barras de ouro do Tenente Chiquinho. Todo esse tesouro foi interceptado e pilhado por seus parentes, durante o transporte, com o conseqüente enriquecimento dos usurpadores, origem da fortuna de futuros e importantes políticos da região".

Thereza Regina de Camargo Maia

Notas do Museu Frei Galvão - No desenho de Tom Maia, a Fazenda Conceição, no bairro do Taboão, em Cunha. Do livro "*Vale do Paraíba - Velhas Fazendas*", de Tom Maia e Sérgio Buarque de Hollanda. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1975.